

Carta sobre Escrita – 16

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

José Luís Barreto Guimarães é um importante poeta português que ganhou, em 2022, o Prémio Pessoa. No *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, mais conhecido por *JL* (8.3.2023), escreveu:

Quantos de nós conseguiriam ver, como o poeta norte-americano de origem sérvia Charles Simic que uma pedra não é mais que “um espelho que funciona mal”? Ou que, uma vassoura é “uma árvore no pomar dos mais pobres”? Ou notar, como o sueco Tomas Tranströmer notou que uma lagoa é “uma janela para o interior da Terra”? Algum de nós já tinha reparado, como o poeta norte-americano Billy Collins, que a foz é “o sítio onde o rio perde o seu nome para o mar”?

Pode parecer que não, mas está aqui um programa de trabalho para quem quer ser poeta, ou escritor de outra qualquer modalidade literária: ver, conseguir ver, conseguir ver o que outros não conseguem. E o autor diz-nos que é justamente por isso que os poetas são importantes e necessários: dar a ver.

É precisamente por este tipo de coisas que precisamos de poetas. Para destapar o mundo e comparar. Parece pouca coisa, destapar, porque destapar é somente um gesto. O problema é pior quando é verdade que a maior parte de nós nem sequer se apercebe de que as coisas do mundo nos são apresentadas cobertas ou que possuem sucessivas camadas como... a cebola.

Aqui radica, para um jovem escritor, uma promessa e um desafio. Promessa de que poderá vir a ter um papel de significativa importância, mas também desafio porque, para exercer um tal papel, é necessário aprender a ver. Como consegui-lo, então?

Para isso, um jovem poeta deve, penso eu, adoptar a companhia de dois mestres de primeira grandeza: o silêncio e o poeta mais velho. Eu explico.

O silêncio de que falo é o que nos afasta do ruído do mundo. O mundo está cheio de vozes que nos ditam, mil e uma vezes ao dia, o que se passa, o que se deve passar, o significado dos acontecimentos, enfim, o que se deve pensar, sentir e fazer. Quando mais formos habitados por essas vozes, mais vemos aquilo que, de dedo em riste, elas nos apontam: mais vemos o que todos vêem, mais pensamos o que todos pensam, mais fazemos o que todos fazem, mais somos o que todos são e menos o que queremos ser – poetas. Há, por isso, que fazer silêncio, cultivar o silêncio. Procurar a virgindade do olhar e ouvir a voz misteriosa das coisas. Uma cabeça cheia do senso comum só repete o senso comum. E é do mais ridículo, por exemplo, uma pessoa anunciar que vai dar “uma opinião muito pessoal” (como se houvesse opinião que não fosse pessoal... mas esta ainda se diz “muito” pessoal) e depois afirmar uma banalidade mil vezes repetida.

Só o silêncio sobre o já dito pode ajudar-nos a ouvir o que permanece por dizer, à espera de ser desocultado por um poeta de ouvido competente.

O poeta mais velho é qualquer poeta de valor reconhecido. “Candeia que vai à frente alumia duas vezes”, diz um ditado popular. Os bons poetas são os melhores mestres de poesia. Quem quer ser poeta tem de ler poesia de bons poetas. Paulo Freire dizia: “Ninguém ensina nada a ninguém, mas também ninguém aprende sozinho”. No campo da poesia, esta verdade confirma-se: não se ensina alguém a ser poeta, mas ninguém aprende a ser poeta sozinho. É “com” outros poetas – com bons poetas – que se aprende a ouvir a voz das coisas e a ver uma paisagem que permanece invisível ao senso comum. É talvez sobretudo por isso que alguns jovens que pensam “já” ser bons poetas não fazem mais que lançar ao mundo o mesmo que todos os maus poemas vão dizendo.

Não é bom poeta quem quer, apenas quem faz o caminho que aí conduz.

A coisa, porém, não é fácil. Quem é ou quem pode ser dito como um “bom” poeta? Só do lado da poesia – da boa poesia – se pode reconhecer um bom poeta. Parece um círculo fechado, e talvez seja. Então, é o convívio com bons poetas que nos pode abrir os olhos e o círculo em que estamos fechados. E, diga-se, a melhor forma de começar este convívio com bons poetas talvez seja procurar aqueles que nos são apresentados como tal. E ler algumas análises da obra de autores consagrados também ajuda. É claro que isso não deve substituir o juízo pessoal sobre o que se lê, pelo contrário, ajuda a formar esse juízo.

É necessário alertar para algo que por vezes passa despercebido: um bom poeta não é aquele que é meu amigo ou que faz parte da minha tribo literária ou política ou seja qual for. Sim, talvez possamos começar pelos autores da nossa literatura nacional reconhecidos como bons poetas e depois saltar a barreira e marcar encontro literário com bons autores de todo o mundo e de todos os tempos. Se eles chegaram até nós, é porque resistiram a todas as dificuldades de sobrevivência, que servem para isso mesmo, para testar os que são capazes de as superar. E depois, depois do convívio com bons poetas, vale a pena aproveitar um ou outro encontro com a má poesia, porque na diferença se pode então reconhecer melhor a qualidade, tal como a falta dela.

Podemos dizer, sem grande medo de errar, afirmo eu, que ser poeta não é o mesmo que fazer poemas. Qualquer um escreve um poema. Até eu. Assim:

O mundo mudou
radicalmente.
Mas a nossa maneira de pensar o mundo,
os modelos de compreensão
e as normas de comportamento,
as expectativas e
as regras de avaliação...
estão ainda muito presas ao tempo
em que, a custo,
foram formadas.

É um poema que faria talvez figura num dos livros de por aí circulam. É um poema, mas sem poesia. É prosa, apenas cortada às fatias para se tornar num poema. Mas parecer não é ser. Esta é apenas uma frase que fui buscar a uma crónica que publiquei há tempos num jornal. Assim:

O mundo mudou radicalmente. Mas a nossa maneira de pensar o mundo, os modelos de compreensão e as normas de comportamento, as expectativas e as regras de avaliação... estão ainda muito presas ao tempo em que, a custo, foram formadas.

Ser poeta é bastante diferente de escrever poemas. O poeta “é” poeta, trata-se, portanto, de um modo de “ser” – ser homem ou ser mulher. Alguém que habita numa outra dimensão diferente daquela em que vivem os homens e mulheres comuns, que não vêem o que só aos olhos dos poetas se torna acessível. É uma forma de ser a tempo inteiro, de habitar as coisas, de pertencer sem pertencer aos vários círculos em que tantas vezes vemos fechada a nossa vida comum, utilitária, comercial.

Abril de 2023

José Alves Jana

P.S. (*Post Scriptum / escrito depois*) – Pessoa amiga informou-me que o Cardus também já se inspirou em Camões e no mesmo poema: Caminhando vai para casa / Madalena pela rua escura. / Vai formosa e bem segura. Pode encontrá-lo aqui www.cardeira.net/CRONICAS/CARDUS/90-VaiFormosaBemSegura.htm É mais um testemunho de como os autores se banham nas águas de um rio que a todos nos lava, o da literatura universal.